



**SUGESTÕES PARA A REFORMULAÇÃO DA
TABELA DE ÁREAS DO CONHECIMENTO:
Grande Área Artes**

Salvador, junho de 2005

Foto Pierre Verge



Participantes do Grupo de Trabalho

1. Ângela **Luhning** – Profa. Adjunto UFBA e Pesquisadora do CNPq nível 2.
2. Armindo **Bião** – Prof. Titular UFBA e Pesquisador CNPq nível 1B.
3. Daniel **Marques** – Prof. Adjunto UFBA.
4. Diana Santiago **Fonseca** – Profa. Adjunto, Coordenadora do Programa de PG em Música UFBA e Pesquisadora CNPq nível 2.
5. Dulce **Aquino** – Profa. Titular UFBA.
6. Eliana Rodrigues **Silva** - Profa. Adjunto UFBA.
7. Eloísa **Domenici** - Profa. Adjunto UFBA.
8. Fabiana Dulra **Britto** - Profa. Adjunto UFBA.
9. Jussara **Setenta** – Profa. Assistente UFBA.
10. Leda **Ianitelli** – Profa. Titular UFBA e Pesquisadora do CNPq nível 2.
11. Luiz Alberto **Freire** – Prof. Adjunto e Coordenador Mestrado Artes Visuais UFBA.
12. Manuel **Veiga** – Prof. Adjunto UFBA e Pesquisador do CNPq nível 1A.
13. Maria Lucia **Kern** – Prof. Titular PUC-RS e Pesquisadora do CNPq nível 1A.
14. Maria Virgínia Gordilho **Martins** – Profa. Adjunto e Vice-Coordenadora Mestrado em Artes Visuais/UFBA.
15. Mauricio **Loureiro** – Prof. Titular UFMG e Pesquisador do CNPq Nível 1C.
16. Paulo Costa **Lima** – Professor Titular UFBA e Pesquisador do CNPq nível 1 D.
17. Sérgio Coelho Borges **Farias** – Prof. Titular UFBA, Coordenador do Programa de PG em Artes Cênicas e Pesquisador nível 1B.
18. Sônia **Rangel** – Profa. Adjunto UFBA.

Foto Pierre Veiga



INTRODUÇÃO

Desde sua fundação, há quase sessenta anos, a Universidade Federal da Bahia, assume posição de vanguarda na área de artes, quando um ambicioso projeto cultural do então Reitor Edgard Santos, que já havia instituído a Escola de Música e incorporado a centenária Escola de Belas Artes, criou as Escolas de Dança e de Teatro. Essas unidades, além de atuarem no ensino superior, sempre buscaram integrar a produção universitária à vida da comunidade, levando ao grande público novos padrões estéticos em suas respectivas áreas, sendo instrumentos através dos quais a comunidade baiana afirma sua própria identidade cultural. Ao longo dos anos, essas unidades ofereceram também formação pós-graduada no *sensu lato* e abrigaram núcleos de pesquisa, os quais foram se ampliando, com a criação dos primeiros cursos de pós-graduação em *sensu stricto*: Música, em 1990; Artes Cênicas, em 1997 e Artes Visuais, em 1998. A análise do desempenho desses cursos na avaliação trienal da CAPES (2001-2004) mostra o grau de consolidação dos programas de Artes Cênicas e Música, que detêm conceitos 6 e 5, respectivamente, apontando ainda para uma promissora trajetória do Mestrado em Artes Visuais. Os programas de Artes Cênicas e Música ainda se destacam pelas ações interinstitucionais, formando significativo número de mestres em outras regiões do país e compartilhando projetos de pesquisa no país e exterior. Nos últimos cinco anos, os grupos de pesquisa em artes da UFBA foram ampliados e investimentos na infraestrutura de seus laboratórios, especialmente alocados pelo CT-Infra, vem proporcionando maior grau de expansão e consolidação da pesquisa em Música, Artes Cênicas, Artes Visuais e Dança, que contam com alguns grupos consolidados. Destes participam um número crescente de bolsistas de IC, mestrandos e doutorandos, orientados por pesquisadores, dos quais, dez são bolsistas de produtividade do CNPq.

A inserção da UFBA em Artes, acrescida do entrosamento de sua comunidade com respectivas associações de pesquisa e pós-graduação, motivaram sua Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação a estimular o debate em torno do Projeto de Reformulação da Tabela de Áreas do Conhecimento, envolvendo as agências federais de fomento. Após reuniões iniciais com pesquisadores da própria IES, nos dias 9 e 10 de junho de 2005, instituiu-se um grupo de trabalho representativo, o qual contou com a presença dos Professores Maria Lucia Kern (PUC-RS) e Mauricio Loureiro (UFMG).

O grupo de trabalho elaborou a proposta intitulada “Carta de Salvador”, ora endereçada à Comissão Especial de Estudos constituída pelo CNPq, CAPES e FINEP. Tal proposta considera que a produção de conhecimento no campo das Artes, resultante da consolidação dos cursos de pós-graduação e de crescentes investimentos para pesquisa, detém hoje um foco preciso de atuação, bem como, especificidades que justificam o estabelecimento de uma **Grande Área de Artes** agrupando Artes Cênicas, Artes Visuais, Dança e Música, o que lhes permitirá a necessária identidade, autonomia e melhor conceituação fenomenológica.



JUSTIFICATIVA

As artes ainda são consideradas sub-áreas no CNPq, na CAPES e na FINEP, sendo assim forçadas a uma interdisciplinaridade imposta, que não respeita as identidades das grandes disciplinas artísticas. Salienta-se que na tabela atual, Música, por exemplo, aparece no mesmo nível de Antropologia Urbana.

Essa interdisciplinaridade tem vários níveis: um interno, função do que comunidades e culturas ao redor do mundo pensam como devam ser suas artes e artistas em termos de conceitos, comportamentos e produtos e que constituem a própria “disciplinaridade”; outro externo, correspondendo ao que se pratica no âmbito de disciplinas por si só já abrangentes, mas que, não representam uma fusão na base teórica das diversas disciplinas invocadas, induzindo então a uma imprudente polivalência que inspira cuidados; um terceiro nível de interdisciplinaridade, também externo e ideal, é o que ocorre quando disciplinas independentes convergem e se fundem, passando a iluminar umas às outras e a incidir cooperativamente sobre projetos a serem realizados por equipes de especialistas.

Se imposta, vale insistir, a interdisciplinaridade que deve ser uma busca do dia a dia, torna-se mera multidisciplinaridade restritiva, abrasiva e turva. Sobretudo ela não se realiza se a “disciplinaridade” não for reconhecida.

As disciplinas da grande área de artes têm perfis próprios e profundamente distintos. Diferem nos processos de percepção, nos materiais, nas técnicas, nos problemas, nas metodologias, nos contextos tornando-as em princípio, irredutíveis. Isso não significa que, respeitadas e independentes, não se possam juntar na realização de projetos integrados.

O grupo de trabalho esboça a seguir argumentos específicos para cada área, seguido de sugestões para as respectivas sub-áreas e especialidades.

Foto Pierre Verge



I. MÚSICA

Como um dos universais do comportamento humano, algo que se reconheça como música está sempre presente nas culturas do mundo, mesmo que, materialmente despojadas, nem sequer tenham instrumentos. Dois tipos de discursos estão sempre presentes: um discurso sobre música, isto é, fala sobre música, não música, que constitui musicologia, se científico (*Musikwissenschaft*, ciência musical, academicamente reconhecida desde 1883, com Guido Adler), e um discurso musical propriamente dito, intrínseco, que dispensa intermediação. As relações entre os dois discursos constituem um terceiro problema clássico para os musicólogos. Um corpo milenar de teoria, notável na tradição musical ocidental pela sua abrangência e quantidade, recua ao 4º século AC (Aristoxenus), ainda mais se outras tradições são consideradas. Artes e ciências não são aqui estanques, na produção do conhecimento. Muitas vezes são discursos científicos, como os das demais disciplinas sociais e humanas, que pouco a pouco conseguiram emergir das grandes especulações filosóficas para definirem seus problemas e áreas de estudos, suas metodologias e seus processos de verificação de resultados. Ainda assim persiste uma aura de “sacralização” que Lévi-Strauss bem expressa quando se refere à música como “a única que reúne as características contraditórias de ser ao mesmo tempo inteligível e intraduzível”, diz ele, “supremo mistério das ciências do homem contra o qual elas esbarram, e que guarda a chave de seu progresso”. Deixando-se quantificar com facilidade, a música permite registros, isto é, sistemas de notação de vários tipos e graus de precisão, que variaram no curso da história e que são objeto de estudos musicológicos históricos e de edições críticas que tentam recuperar o que se perdeu na tradição oral que acompanha necessariamente a leitura. Por isso, aos estudos científicos da execução, se ligam especialistas em música antiga e contemporânea, a cujo cargo está a projeção das obras, a partir do ponto em que a musicologia histórica se esgota por falta de fontes. Músicas de tradição oral, por seu lado, são sempre músicas atuais, sempre execuções estudadas por metodologias da etnomusicologia que se tornaram possíveis e gradativamente mais sofisticadas a partir de técnicas desenvolvidas desde 1857 (Léon Scott). Aplicadas a máquinas capazes de desenhar padrões de vibrações sonoras em material sólido como, eventualmente, o fonógrafo de Thomas Edison, essas técnicas geraram os velhos cilindros, os discos e seus atuais sucessores digitais que possibilitaram estender o grau de abrangência e precisão da informação que o registro incorpora, o que, por sua vez, permite novas epistemologias. O corpo milenar das teorias mencionadas, composicionais e analíticas, pode servir de apoio à criação musical, um dos supremos mistérios de Lévi-Strauss que, segundo sua benevolência, faz do criador de música “um ser igual aos deuses”. Seja como a criação ocorra, entretanto, ela se insere em processos complexos de geração, transmissão e recepção que devem ser objeto de estudo. A educação musical, que vai além dos processos de transmissão, tem suas bases remotas na teoria do *ethos* da filosofia grega e tem buscado uma filosofia própria às circunstâncias das diversas culturas musicais de que o Brasil se enriquece. Várias associações científicas trabalham pela consolidação da área, já em estado avançado, entre as quais a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música [ANPPOM], a Associação Brasileira de Educação Musical [ABEM], a Associação Brasileira de Etnomusicologia [ABET], a Sociedade Brasileira de Musicologia [SBM] e a Academia Brasileira de Música [ABM], ora completando sessenta anos. Há também uma Associação Brasileira de Escolas de Música [ABEMUS] que congrega um número substancial de cursos e escolas de vários níveis.



MÚSICA, SUB-ÁREAS:

1. MUSICOLOGIA HISTÓRICA

2. MUSICOLOGIA SISTEMÁTICA

- 2.1 Psicologia da Música
- 2.2 Estética Musical
- 2.3 Sociologia da Música

3. ETNOMUSICOLOGIA

4. TEORIA DA MÚSICA

- 4.1 Teoria analítica
- 4.2 Teoria composicional

5. COMPOSIÇÃO

- 5.1 Composição
- 5.2 Improvisação
- 5.3 Multimídia

6. COMPUTAÇÃO APLICADA À MÚSICA

7. PRÁTICAS INTERPRETATIVAS

- 7.1 Instrumental
- 7.2 Vocal
- 7.3 Eletrônica
- 7.4 Dramática e coreográfica

8. EDUCAÇÃO MUSICAL

9. MUSICOTERAPIA

10. SEMIOLOGIA E SEMIÓTICA MUSICAIS

11. ACÚSTICA DOS AMBIENTES, INSTRUMENTOS MUSICAIS & ORGANOLOGIA

Foto Pierre Verge



II. ARTES VISUAIS

Apesar das áreas de conhecimento na atual conjuntura científica terem esfacelado suas fronteiras e buscado em outras áreas conceitos teóricos e metodologias que possam dar conta da complexidade de seus objetos de estudo, as Artes Visuais como área de conhecimento reivindica a sua autonomia nas agências de fomento. Esta se justifica por suas especificidades tanto no plano teórico quanto nas suas práticas de pesquisa. Teorias e práticas artísticas são constantemente articuladas interferindo entre si e possibilitando o desenvolvimento de reflexões próprias. A pesquisa prática resulta em um objeto e é dele que parte a investigação porque é dele que se podem examinar os conceitos correspondentes e vice-versa. Assim, prática e teoria estabelecem uma relação dialética, na qual conceitos oriundos da estética, da história da arte, da filosofia, da psicologia, da antropologia, da arquitetura e de fatores derivados de suas próprias relações contextuais se conectam na produção de novos objetos de arte.

Num momento em que o maior apoio científico predomina nas áreas de conhecimento que permitem a aplicabilidade imediata em novas tecnologias, à área de Artes Visuais busca pesquisas objetivas e sistematizações do processo criativo em Poéticas Visuais que procurem intervir nas práticas culturais, gerando reflexões e ações transformadoras.

ARTES VISUAIS, SUB-ÁREAS:

1. HISTÓRIA DAS ARTES VISUAIS

- 1.1 Ocidente
- 1.2 História das Artes Visuais Orientais
- 1.3 História das Artes Visuais Africanas
- 1.4 História das Artes Visuais Brasileiras
- 1.5 História das Artes Visuais Latino-americanas

2. TEORIA E CRÍTICA DAS ARTES VISUAIS

- 2.1 Teoria e Crítica das Artes Visuais Modernas
- 2.2 Teoria e Crítica das Artes Visuais Contemporâneas

3. CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DAS OBRAS DE ARTES VISUAIS

- 3.1 Obras de Artes Visuais com suporte em papel
- 3.2 Pintura
- 3.3 Escultura
- 3.4 Técnicas Mistas

oto Pierre Verge



4. ARTE-EDUCAÇÃO EM ARTES VISUAIS

- 4.1 Teorias da Arte-Educação em Artes Visuais
- 4.2 Práticas da Arte-Educação em Artes Visuais

5. EXPRESSÃO ARTÍSTICA BIDIMENSIONAL

- 5.1 Desenho
- 5.2 Gravura
- 5.3 Pintura
- 5.4 Fotografia

6. EXPRESSÃO ARTÍSTICA TRIDIMENSIONAL

- 6.1 Escultura
- 6.2 Cerâmica
- 6.3 Tecelagem

7. LINGUAGENS ARTÍSTICAS HÍBRIDAS E CIBERNÉTICAS

- 7.1 Instalação
- 7.2 Performance
- 7.3 Vídeo-Arte
- 7.4 Cíber-Arte
- 7.5 Interferências
- 7.6 Apropriações

8. DESIGN

- 8.1 Design industrial ou de produtos
- 8.2 Design gráfico
- 8.3 Design têxtil
- 8.4 Design e produção de moda
- 8.5 Design de interiores (Decoração)
- 8.6 Ergonomia

Foto Pierre Verge



III. DANÇA

A dança, por ser simultaneamente produto e ação corporal, já em si é um problema de difícil abordagem, uma vez que o corpo é o seu local e modo de ocorrência. À percepção visual e auditiva acrescenta uma especificidade toda sua, a percepção cinestésica.

O corpo, sendo campo de ocorrência dos processos de cognição, comunicação e evolução implicadas na dança confere a esta a especificidade de ser uma configuração artística que explicita e potencializa esses processos, de tal modo que pode ser tomado como um campo privilegiado de estudo e experimentação às áreas do conhecimento direta e indiretamente relacionadas a tais questões.

Dança tem uma pré-história que recua a representações pictóricas em cavernas neolíticas. Possui tratados didáticos e registros visuais que lhe permitem estudos históricos e de caráter especulativo substanciais. Além de sistemas de notação desenvolvidos, como, por exemplo, o Labanotation, tem hoje no vídeo uma possibilidade de registro que lhe permite uma documentação de campo e, à base desta, estudos de natureza antropológica tal como o que se pratica nos estudos de seus processos e configurações como etnologia da dança ou etnocoreologia.

Por sua vez, as disciplinas essencialmente artísticas, ligadas aos estudos dos sistemas corporais e compositivos geram ao mesmo tempo em que resultam de análises, procedimentos e conceituações que necessitam ser investigados.

DANÇA, SUB-ÁREAS :

1. PROCESSOS ANALÍTICO-COMPOSITIVOS DA DANÇA

- 1.1 Crítica de Dança
- 1.2 Processos Criativos
- 1.3 Composição Coreográfica
- 1.4 Cinesiologia da Dança
- 1.5 Técnicas Corporais.

2. PROCESSOS SÓCIO-EDUCACIONAIS DA DANÇA

- 2.1 História da Dança
- 2.2 Dança-Educação

3. ESTUDOS CULTURAIS DA DANÇA

- 3.1 Antropologia da Dança

Foto Pierre Verge



IV. ARTES CÊNICAS

As Artes Cênicas compreendem processos de criação artística e produtos estéticos presentes na história das sociedades desde os antigos rituais de celebração, até as intervenções multimidiáticas contemporâneas.

As manifestações cênicas apresentam grande diversidade de estrutura e de composição, articulando elementos sonoros, visuais, textuais e cinestésicos. Suas interfaces com os Estudos Culturais somam-se aos elementos da Dança, da Música, da Antropologia, da Literatura e das Artes Visuais para motivarem estudos de Dramaturgia, de Encenação Teatral, de Performance e de Etnocenologia, dentre outros.

Os programas de Pesquisa e Pós-Graduação em Teatro e Dança já existentes em universidades brasileiras apresentam corpo significativo de pesquisadores, de renome internacional, com efetiva inserção social e contínua produção, o que pode ser atestado pelos eventos realizados, pelas relações internacionais que vêm sendo mantidas, e pelas revistas especializadas produzidas no âmbito destes Programas.

Tais considerações, somadas ao corpo teórico já elaborado sobre a cena, justificam sua inserção no rol das áreas de Conhecimento.

ARTES CÊNICAS, SUB-ÁREAS:

1. FORMAS DE ESPETÁCULO

- 1.1 Teatro de Formas Animadas
- 1.2 Performance
- 1.3 Artes do Mimo
- 1.4 Artes Midiáticas
- 1.5 Artes Circences

2. PROCESSOS DE ENCENAÇÃO

- 2.1 Direção Teatral
- 2.2 Interpretação Teatral
- 2.3 Elementos Visuais da Cena

3. DRAMATURGIA

- 3.1 Criação de Texto Teatral
- 3.2 Adaptação e Tradução de Texto para a Cena

4. FUNDAMENTOS DAS ARTES CÊNICAS

- 4.1 Teoria, Crítica, História e Historiografia do Teatro.
- 4.2 Etnocenologia
- 4.3 Antropologia Teatral
- 4.4 Estudos da Performance
- 4.5 Fundamentos Educacionais das Artes Cênicas